

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 17 • 2009



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2009

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Bristol, Reino Unido)
- Professor Doutor Jean Guilaine (Collège de France, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Jorge de Alarcão (Universidade de Coimbra)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 17 • 2009

ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

**VOLUME COMEMORATIVO DO
XX ANIVERSÁRIO**

do

**Centro de Estudos Arqueológicos
do Concelho de Oeiras**

(Câmara Municipal de Oeiras)

1988 - 2008

Editor Científico:
João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2009

ANEXO I – MONUMENTO II DO PESSEGUEIRO (SINES) – ESTUDO ANTROPOLÓGICO

Teresa Matos Fernandes*

O estudo antropológico que agora se publica refere-se a dois esqueletos exumados do interior de uma cista – a sepultura 16 do monumento II de uma necrópole atribuída ao Bronze do Sudoeste e designada por Cemitério dos Mouros. Era a única sepultura com espólio osteológico. A escavação desta necrópole foi feita pelo Grupo de Trabalhos de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines em parceria com o Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, de 1975 a 1985 e esteve a cargo de C. Tavares da Silva e J. Soares que recolheram cada um dos ossos individualmente, após desenho da planta do interior da sepultura à escala 1:1 e atribuição de um número de recolha a cada osso.

1. METODOLOGIA

Uma vez em laboratório, procedeu-se à remontagem dos ossos sobre a planta de campo (*cf.* Fig 1) o que permitiu fazer uma observação tão semelhante quanto possível à efectuada no terreno. Foram assim registadas as conexões anatómicas presentes aquando da escavação.

Todo o material osteológico se encontrava bastante fragmentado mas, para não inviabilizar a datação pelo ¹⁴C, ou qualquer outro tipo de análise que se pudesse vir a realizar, não se fizeram senão pequenas reconstituições utilizando sobretudo plasticina e pequenos palitos de madeira, de forma a equilibrar as tensões. Só nos crânios, e por se saber que não seriam utilizados para datação, se utilizou nalguns pontos cola Devcon que é reversível em acetona.

Para as observações das características morfológicas, medições antropométricas, diagnose sexual e determinação da idade à morte, seguiram-se as metodologias propostas por Black (1978), Broca (1875), Dupertuis & Hadden (1951), Ferembach *et. al.* (1980), Howells (1973), Martin & Saller (1956), Olivier (1960), Olivier & Tissier (1975), Todd (1925) e Todd & Lyon (1924). Sempre que foi possível, compararam-se os resultados obtidos com os encontrados para as populações da Península Ibérica atribuídas ao mesmo período cronológico e publicados por Botella & Souich (1971) Galera (1983), Garcia Sanchez (1979 *a e b*) Garralda (1980) e Garralda & Galera (1983).

As medidas e os índices de cada um dos indivíduos figuram nos Quadros I, II, III e IV.

Só após a diagnose sexual e a identificação dos restos de cada um dos dois indivíduos, se seleccionaram as amostras sobre as quais se efectuará a datação pelo radiocarbono, de modo a evitar que se misturassem os dois indivíduos.

A identificação de processos patológicos resultou unicamente da observação macroscópica.

* Universidade de Évora.



Fig. 1 - Montagem dos ossos sobre a planta de campo. Foto de Manuel Ribeiro.

Quadro I – Medições no esqueleto craniano.

| | Crânio n.º 18 | Crânio n.º 10 |
|-----------------------------|----------------------|----------------------|
| Comprimento craniano máximo | 186 mm | 194 mm |
| Largura craniana máxima | 136 mm | 137 mm |
| Diâmetro Glabela – lambda | 179 mm | 175 mm |
| Diâmetro Glabela – inion | - | 196 mm |
| Diâmetro Glabela – bregma | - | 108 mm |
| Diâmetro biastérico | - | 126 mm |
| Altura auricular | - | 123 mm |
| Largura orbitária | 41 mm | - |
| Altura orbitária | 36 mm | - |
| Largura inter-orbitária | 21 mm | - |
| Altura da apófise mastoide | 16 mm | 23 mm |
| Largura da apófise mastoide | - | 18 mm |
| Capacidade craniana | 1500 c.c. | 1552 c.c. |

Quadro II – Índices cranianos.

| | Crânio n.º 18 | | Crânio n.º 10 | |
|------------------------------------|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|
| | Resultado | Classificação | Resultado | Classificação |
| Índice craniano horizontal | 73 | dolicocrânio | 71 | dolicocrânio |
| Índice auriculo – vertical | 68 | hipsicrânio | 63 | hipsicrânio |
| Índice auriculo – longitudinal | - | - | 90 | acocrânio |
| Índice altura-largura (no porion) | 93 | acocrânio | - | - |
| Índice misto de altura (no porion) | 78 | crânio alto | 74 | crânio alto |
| Índice orbitário | 88 | hipsiconco | - | - |

Quadro III – Medições no esqueleto post-craniano – úmero.

| | Diâmetro sagital ao meio da diáfise | Diâmetro transverso ao meio da diáfise | Índice diafisário |
|--------------|--|---|--------------------------|
| Úmero n.º 15 | 23 mm | 17 mm | 74 |
| Úmero n.º 17 | 17 mm | 17 mm | 100 |
| Úmero n.º 24 | 19 mm | 19 mm | 100 |

Quadro IV – Medições no esqueleto post-craniano – fémur.

| | Comprimento máximo | Diâmetro antero-posterior máximo | Diâmetro transverso mínimo | Diâmetro antero-posterior post subtrocanteriano | Diâmetro transverso subtrocanteriano |
|--------------|---------------------------|---|-----------------------------------|--|---|
| Fémur n.º 13 | 400 mm | 26 mm | 24 mm | 20 | 30 |
| Fémur n.º 12 | 400 mm | 25 mm | 23 mm | 20 | 29 |
| Fémur n.º 16 | - | 29 mm | 22 mm | - | - |
| Fémur n.º 1 | - | 28 mm | 22 mm | - | - |

2. INVENTÁRIO DO MATERIAL OSTEOLÓGICO

Foram recolhidos 26 ossos ou fragmentos de ossos, pertencentes a dois indivíduos: 2 crânios bastante incompletos – sem as faces e regiões basais; 1 pequena porção de um ramo montante direito de 1 mandíbula; 2 fêmures direitos; dois fêmures esquerdos; 2 tíbias direitas; 2 tíbias esquerdas; 1 peróneo esquerdo; um fragmento de

peróneo de difícil identificação; 2 úmeros direitos; 1 úmero esquerdo; 1 clavícula direita; 1 fragmento de clavícula de difícil identificação; 1 lâmina de 1 vértebra torácica; porções de 3 vértebras lombares; 1 cavidade glenoide de uma omoplata direita; 1 porção do ramo superior de 1 púbis direito; 1 porção de 1 tuberosidade isquiática direita; 3 falanges mediais de 1 mão direita. Note-se que não se possuem dentes, ossos maxilares ou mandíbulas, à excepção do já referido fragmento de ramo montante direito de uma mandíbula.

3. RESULTADOS

3.1. *Diagnose sexual*

A observação das características morfológicas, as medidas e índices antropométricos após comparação com tabelas de vários autores para populações portuguesas e ibéricas coevas, levaram à identificação dos dois esqueletos como pertencendo a dois indivíduos, um do sexo masculino e outro do feminino.

3.2. *Esqueleto craniano*

Crânio n.º 10

É constituído por numerosos fragmentos, alguns justaponíveis, permitindo reconstituir a abóbada craniana. Trata-se de um crânio de grandes dimensões, de contorno ovoide, dolicoocrânio alto – é hipsiconco, com aspecto robusto e uma capacidade craniana de 1552 cc. Foi atribuído ao sexo masculino.

Em norma superior é possível observar que quer as bossas frontais, quer as parietais não são marcadas e que não estão presentes os orifícios parietais.

A observação em norma lateral evidencia uma glabella desenvolvida (tipo 3 de Broca), o frontal divergente, as linhas curvas parietais marcadas, tal como as cristas supra-mastoides e contrariamente às apófises mastoides. Registou-se também a presença de uma ligeira depressão pré-lambdaide.

A observação de face interna do osso occipital mostra sinus transversos e sagitais muito marcados.

Devido ao estado fragmentado do espólio osteológico só foi possível, em norma frontal, observar o rebordo orbitário superior esquerdo, que é espesso, a persistência de uma pequena porção da sutura metópica imediatamente acima do nasion, e a arcada zigomática com as suas porções malar e zigomática. Foi no entanto possível reconstituir e medir a órbita esquerda, cujo índice orbitário indica uma forma alta (hipsiconca).

Em qualquer das normas observadas não se verificou sinostiação das suturas endocranianas ou exocranianas. Juntamente com este crânio foi recolhida a já referida porção do ramo montante direito de uma mandíbula.

Crânio n.º 18

Utilizando todos os fragmentos ósseos recolhidos apenas foi possível reconstituir a calva do indivíduo. Trata-se de um crânio de grandes dimensões embora não muito robusto, de contorno elipsoide, dolicoocrânio, hipsiconco e com uma capacidade craniana de 1500 c.c.

A observação em norma superior mostra bossas frontais e parietais marcadas e a oclusão total dos orifícios parietais.

Em norma lateral registou-se uma glabella pouco desenvolvida (tipo 2 de Broca), um frontal pouco fugidio, umas linhas curvas que nas porções frontal e parietal se apresentam pouco marcadas, a não existência de depressão pré-lambdaide, um inion pouco saliente e um occipital protuberante.

Na norma inferior só foi possível observar as linhas curvas occipitais, pouco marcadas e na face interna os sinus transversos e sagitais de médias dimensões. Embora o crânio se encontre muito fragmentado, as observações feitas permitem identificá-lo como sendo do sexo feminino.

A observação do grau de sinostose das suturas revelou uma sutura sagital fechada na face endocraniana, em todos os seus quatro segmentos e aberta no S4 na face exocraniana; uma sutura coronal em que se dispõe dos segmentos C 1 e C 2 que estão em adiantado grau de ossificação, nas duas faces; e uma sutura lambdoide com todos os segmentos livres, em ambas as faces.

3.3. Esqueleto pós-craniano

Para todos os ossos do esqueleto pós-craniano se efectuaram as medições possíveis, se fez a identificação do lado a que pertenciam, no caso de ossos pares, e a atribuição a um dos esqueletos presentes. No entanto não se apresentam aqui senão as peças osteológicas julgadas mais interessantes.

Úmero n.º 15

Trata-se do mais completo dos ossos longos, em que foi possível reconstituir o comprimento máximo e medir os diâmetros. Com estas medições calculou-se o índice diafisário, que revela uma platibraquia. Quer as observações morfológicas, quer os dados antropométricos, quer a articulação com o resto dos ossos do esqueleto indicam tratar-se de um osso de indivíduo de sexo feminino.

Neste osso é de assinalar o grande desenvolvimento das zonas de inserção dos músculos deltoide e da porção lateral do tricipite. Estes sintomas podem indicar uma endesopatia resultante do grande uso destes músculos como provável consequência de actividade específica.

Úmero n.º 17

É o osso par do anterior (úmero n.º 15) e estava representado por duas porções ajustáveis. É de notar a grande diferença registada nos diâmetros ao meio da diáfise nos dois ossos, direito e esquerdo, como resultado do fraco grau de desenvolvimento das zonas de inserção muscular no úmero esquerdo (v. foto 2). Este facto é revelador de dextralidade do indivíduo.

Fémur n.º 13

Trata-se do fémur direito do indivíduo do sexo feminino e, devido ao seu razoável estado de conservação, foi possível efectuar as principais medições e classificá-lo como platimérico. Neste osso são de referir a tuberosidade gluteal muito marcada, formando mesmo uma calosidade para inserção do gluteus maximus, e as linhas supracondilares lateral e medial, que são bastante marcadas.

Fémur n.º 12

É o osso par do fémur n.º 13 e tem, como ele, a linha áspera muito marcada, assim como as linhas do adutor magnus e adutor longus, formando mesmo uma depressão entre as linhas supracondilares medial e lateral. Os desenvolvimentos das zonas de inserção muscular apresentado pelos fémures n.º 12 e n.º 13 podem ser indicadores de que o indivíduo fazia habitualmente grandes caminhadas e, muito provavelmente, por zonas acidentadas.

Tíbias n.º 5 e n.º 6

Correspondem, respectivamente, às tíbias esquerda e direita do indivíduo de sexo feminino, encontram-se muito fragmentadas mas o ajustamento dos vários fragmentos permitiu observar uma elevadíssima platicnemia.

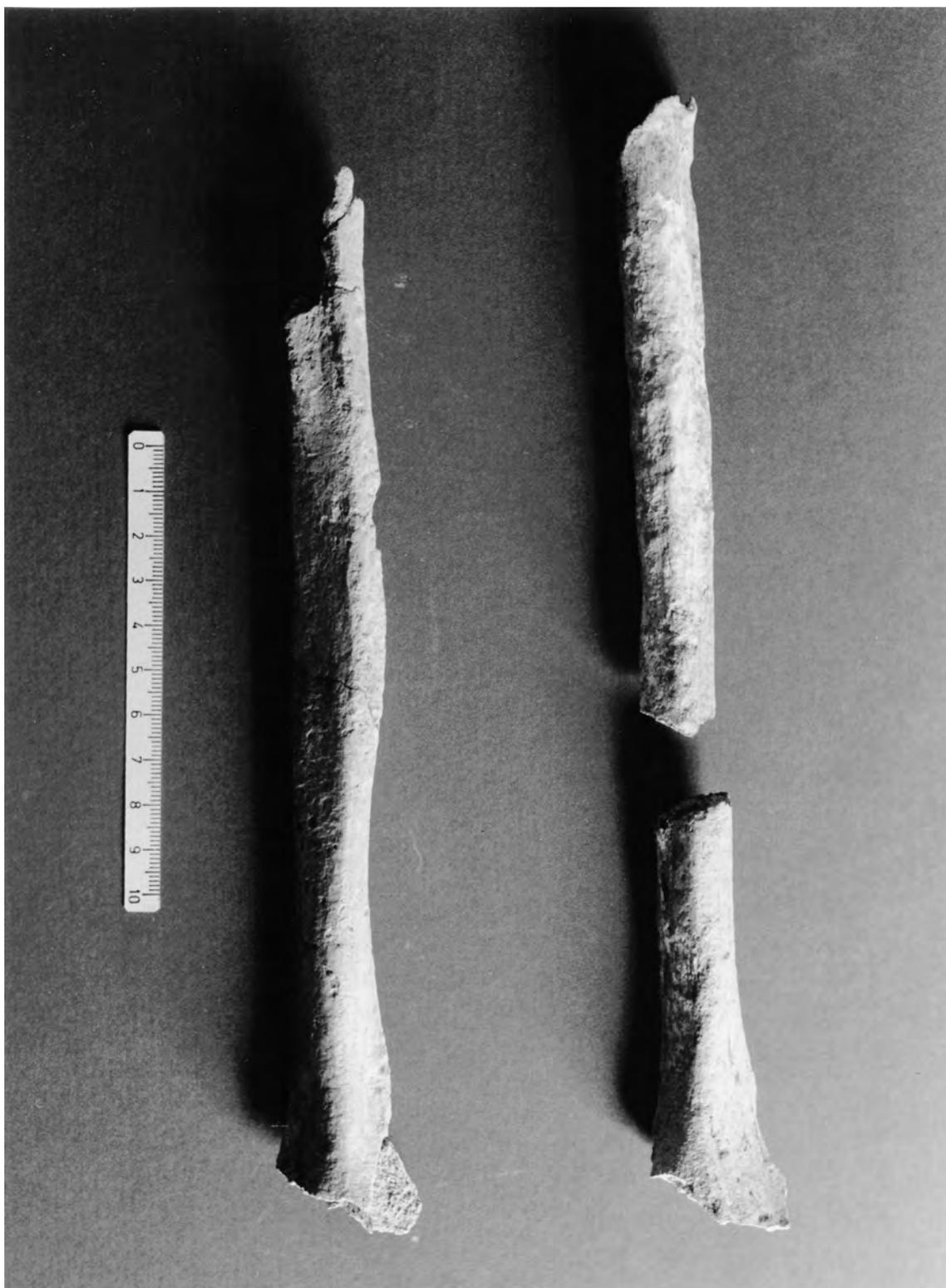


Foto 2 – Úmeros direito e esquerdo *terminium*. Notar a diferença nos diâmetros ao meio da diáfise nos dois ossos (do lado esquerdo está o osso direito). Foto de Manuel Ribeiro.

Tíbias n.º 2 e n.º 3

Correspondem, respectivamente aos ossos esquerdo e direito do indivíduo do sexo masculino. Tal como os ossos correspondentes do outro indivíduo, apresentam uma platicnemia muito acentuada.

3.4. Determinação da idade à morte

A determinação da idade à morte teve como base a observação do grau de sinostose das suturas endo e exocraneanas, o funcionamento das epífises e diáfises e a pesquisa de osteofitoses. O grau de destruição dos ossos e a acumulação de terra no interior das diáfises dos ossos longos não permitiram outro tipo de análises. Foi, contudo, possível determinar que o indivíduo do sexo masculino morreu com uma idade inferior a 30 anos, enquanto que o do sexo feminino teria uma idade compreendida entre os 35 e os 40 anos.

3.5. Posição dos esqueletos no interior da sepultura

A observação das conexões anatómicas, após a diagnose sexual, permitiu observar que em primeiro lugar foi inumado o indivíduo do sexo masculino e só algum tempo depois se depositou o segundo indivíduo.

O tempo que decorreu entre as duas inumações foi o suficiente para que os tecidos moles do indivíduo enterado em primeiro lugar tivessem desaparecido, já que não se mantiveram conexões anatómicas.

A segunda inumação foi precedida de um «arrumo» dos restos esqueléticos do primeiro inumado e a deposição foi feita em decúbito lateral direito, na denominada posição fetal, com flexão total.

3.6. Cálculo da estatura

Com base nas fórmulas propostas por Manouvrier, Pearson, Dupertuis e Hadden estimou-se a estatura feminina em 150 cm. Não foi possível calcular, com a mínima fidelidade, a estatura masculina, em virtude do elevado grau de fragmentação dos ossos longos.

3.7. Tipo populacional

A comparação dos resultados obtidos com os de populações atribuídas ao mesmo período cronológico aponta para o subtipo mediterrânico grácil, o tipo mais comum na Península Ibérica desde tempos neolíticos.

4. CONCLUSÕES

A sepultura 16 do monumento II da Herdade do Pessegueiro continha dois indivíduos, um feminino e outro masculino, sepultados em ocasiões diferentes. Este facto adquire importância por ocorrer também em Fuente Álamo (Almería, Espanha – cf. SCHUBART *et. al.* 1985), contestando anteriores ideias acerca da simultaneidade dos enterramentos duplos.

Uma vez que não se conhece o período de tempo que decorreu entre os dois enterramentos, nada se pode concluir acerca da mais avançada idade da mulher, ou do maior desenvolvimento das zonas de inserção muscular

acima referidas. A diferença de idades exprime unicamente a maior longevidade da mulher. Assim também, a maior robustez do úmero e do fémur femininos pode corresponder a um uso mais prolongado dos referidos músculos – e não ser o resultado de actividades diferentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLACK, T. K. (1978) – A New Method for Assessing the Sex of Fragmentary Skeletal Remains: Femoral Shaft Circumference. *American Journal of Physical Anthropology*, 48, p. 227-232.
- BOTELLA, M. & SOUICH, Ph. (1971) – Restos Humanos Argáricos Procedentes de Gádor (Almería). *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*. Granada. 2, p. 243-250.
- BROCA, P. (1875) – *Instructions Craniologiques et Craniométriques*. Paris: G. Masson
- DUPERTUIS, C. W. & HADDEN JR., A. (1951) – On the Reconstruction of Stature From Long Bones. *American Journal of Physical Anthropology*, 1, p. 95-53.
- FEREMBACH *et al.* (1980) – Recommendations for Age and Sex Diagnosis of Skeletons. *Human Evolution*, 9, 7, p. 517-550.
- GARCÍA SÁNCHEZ, M. (1979 a) – Craneo de la Edad del Bronce procedente de la “Cueva de La Paloma” (La Zubia Granada). *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*. Granada. 4, p. 193-202.
- GARCÍA SÁNCHEZ, M. (1979 b) – Enterramiento doble en una cista argárica procedente de Puerto-Lope. *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*. Granada. 4, p. 227-250.
- GARRALDA, M. D. (1980) – L’Évolution Récente dans la Péninsule Ibérique. *Les Processus de l’Hominisation* (Coll. Intern. du CNRS). Paris, p. 207-212.
- GARRALDA, M. D. & GALERA, V. (1983) – Las gentes del Bronce Reciente de Los Tolmos de Caracena (Soria). *Actas del III Congreso de Antropología Biológica de España*, p. 822-833.
- HOWELLS, W. W. (1973) – *Cranial Variation in Man. A Study by Multivariate Analysis Patterns of Difference among Recent Human Populations*. (Papers of the Peabody Museum of Archaeology and Ethnology, 67). Harvard.
- MARTIN, R. & SALLER, K. (1956) – *Lehrbuch der Anthropologie*. Stuttgart.
- MARTIN, R. (1928) – *Lehrbuch der Anthropologie*. Jena.
- OLIVIER, G. (1960) – *Pratique Anthropologique*. Paris.
- OLIVIER, G. & TISSIER, H. (1975) – Détermination de la stature et de la capacité crânienne. *Bull. et Mém. Soc. d’Anthropologie de Paris*, 2, Série XIII, p. 1-11.
- SCHUBART *et al.* (1985) – Fuente Álamo: informe preliminar sobre la excavación de 1985 en el poblado de la Edad del Bronce. *Empúries*, Barcelona. 47, p. 70-107.
- TODD, T. W. & LYON, D. W. (1924) – Endocranial Suture Closure: Its Progress and Age Relationship, I – Adult Males of White Stock. *American Journal of Physical Anthropology*, VII, 3, p. 325-384.
- TODD, T. W. (1925) – Cranial Suture Closure: Its Progress and Age Relationship, II – Ectocranial closure in Adult Males of White Stock. *American Journal of Physical Anthropology*, VIII, 1, p. 23-40.